



CARMEN SOUZA
carmensouza.df@dabr.com.br

PRETOS NO TOPO



Também falamos sobre: violência nas escolas

O risco de favorecer a disseminação do coronavírus e o consequente aumento dos casos de covid-19 dominaram boa parte das discussões sobre a retomada das aulas presenciais. A volta às escolas, porém, evidenciou outra crise: a da violência entre estudantes. O que se espalhou pelo país foram notícias de agressões entre adolescentes, tanto em instituições públicas quanto em privadas. Trata-se de uma “tragédia anunciada”, avalia Jana Almeida (foto), professora da Secretaria da Educação do DF e uma disseminadora da cultura de paz nas escolas.

Segundo ela, há dinâmicas nas instituições de ensino que, muito antes da pandemia, já favoreciam a violência. Junta-se a isso a falta da adoção de um protocolo de retorno que considerasse também a saúde mental de alunos, professores e demais funcionários. “Essa reclusão também gerou violência em casa (...) Então, o jovem volta para a escola com muitas dessas violências reprimidas, prontas para serem canalizadas para outras pessoas”, avalia a especialista em neuropsicopedagogia. Em entrevista à coluna, Jana avalia a crise e aponta possíveis soluções.

Há a hipótese de que os episódios recentes de violência nas escolas estejam relacionados ao retorno às aulas após as restrições em função da pandemia. Como a senhora avalia isso?

A pandemia está relacionada a esse fenômeno, mas em partes. Nenhum de nós voltou da pandemia da mesma forma que estava antes dela. E sabíamos que uma das ondas dessa crise sanitária seria a da saúde mental. As pessoas tiveram muitas perdas, perderam familiares, emprego, renda, moradia, estabilidade emocional. Não tem como retomarmos a vida da mesma maneira que deixamos quando tivemos que ficar reclusos. Muitos hábitos foram transformados. E, para as pessoas que já tinham algum tipo de tendência, ou uma animosidade que não estava controlada, o ambiente de reclusão pode ter deixado isso aflorado. Essa reclusão também gerou violência em casa, tivemos, por exemplo, vários casos de mulheres convivendo com os agressores sem poder sair de casa, apanhando, sendo exploradas. Então, o jovem volta para a escola com muitas dessas violências reprimidas, prontas para serem canalizadas para outras pessoas. Acredito, sim, que, em partes, a pandemia pode ter afetado a convivência

dos jovens. Mas sempre pontuo que a escola é um microespaço social. Tudo o que tem na sociedade existe na escola em menor escala. Para além da pandemia, as escolas sofrem com uma ausência de políticas públicas de cultura de paz e de uma percepção sobre a importância de uma educação integral. Não é a educação em período integral, mas a educação que consegue desenvolver o sujeito em sua integralidade. Ela não aborda apenas os aspectos cognitivos. Há a possibilidade de a pessoa se desenvolver socialmente e de as suas questões psicológicas serem tratadas.

A escola, então, era um ambiente que favorecia a violência mesmo antes da pandemia?

Era uma tragédia anunciada. Já tínhamos a situação de uma escola que, antes, estava em um movimento de violência. Estamos vivendo no país, um período de animosidade muito grande. Em partes, em função do presidente, que estimula a violência, quer todo mundo armado, quer a polarização. Acabou juntando tudo. Já sabíamos que o governo precisaria de um plano com normas de biosegurança, mas também de um protocolo biopsicossocial. Voltamos às aulas com aquele debate sobre

Foto/Valter Filho



cobrar ou não vacina, usar ou não máscara, mas a escola também precisa entender quem é aquele aluno que está voltando. Ele perdeu o pai, perdeu a mãe? Onde está morando? Quais as violências que sofreu? Quais são as queixas e as perspectivas desse estudante, que é um indivíduo? Além disso, houve uma perda de aprendizagem, que é externalizada pelo estudante de alguma forma. Um trabalho de recuperação de aprendizagens poderia evitar que essa externalização se transformasse em energia de violência no outro. O aluno impactado pela defasagem pode protestar, desrespeitar o professor. Estamos vendo esses episódios de violência filmada, mas existem outros tipos de violência dentro da escola.

Quais a senhora destaca?

O próprio racismo, que é velado, o professor que está perdendo o domínio das turmas. Tive uma professora da Ceilândia que me ligou desesperada, em uma sexta-feira, à noite, dizendo que tinha sido ameaçada por um estudante e me pedindo ajuda. Me comprometi a ajudar, mas, na segunda-feira, ela entrou com um atestado médico. Ou seja, sofreu uma violência, adoeceu e precisou se tratar. A fome é outro tipo de violência,

que também aumentou na pandemia e não é mostrada, porque não se filma, não dá ibope. Tem esse aspecto também. Hoje, quando as pessoas acham que algo vai dar muito like, elas começam a filmar, compartilhar. E isso vai banalizando as violências, vai virando uma modinha entre os adolescentes, que ficam mais corajosos em suas atitudes.

E como romper esses ciclos? Como incluir a cultura de paz nas escolas?

O correto é que ela seja trabalhada desde o ingresso do estudante na educação infantil. Nós que somos freirianos apostamos nessa perspectiva, nas escolas parques de Anísio Teixeira, a gente sabe da importância dessa formação. Mas estamos em uma precariedade tão grande de recursos, de infraestrutura, que vira aquela coisa: quando falta, você compra o básico. Acabam entendendo que o básico é português, matemática, é trabalhar a forma tradicional com os estudantes para garantir a disciplina, trabalhando com os meninos enfileirados, com a prova que vale nota, na cultura da ameaça. A escola deixa de ser um ambiente socioemocionalmente afetivo para ser um local de repressão, favorável à violência. Escuto de alunos que, na escola, eles têm vontade de fazer um buraco e entrar dentro. Ainda é um ensino que não emancipa, que não liberta e que causa sofrimento. Acredito que a única perspectiva para avançarmos nas aprendizagens é combater as violências por meio da educação integral como uma política pública. A escola não vai fazer sozinha. O governo precisa colocar a mão, fazer parcerias. Mas as soluções que têm sido apresentadas vão em sentido contrário, no da militarização, por exemplo.

Conseguimos fazer um recorte desse fenômeno considerando questões como raça, gênero, os locais onde os jovens estão estudando?

Eu coordenei o Projeto Educação para Paz em 2019, aqui no Distrito Federal, e ele tinha um cunho pedagógico e de ações de segurança

A escola tem brigadas xingando mas saudáveis os estudantes. Ela combate o bullying o racismo a violência o gênero o espaço estudantil que ele ou milita. A cultura de paz dentro da perspectiva mais acessível socioem